



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
BACHARELADO EM AGROECOLOGIA

ANDERSON SEVERINO DA SILVA

**OS CICLOS DA VIDA E O REDESENHO DE AGROECOSSISTEMA NO SÍTIO
TRÊS ESTRELAS**

GLÓRIA DO GOITÁ-PE
2025

ANDERSON SEVERINO DA SILVA

**OS CICLOS DA VIDA E O REDESENHO DE AGROECOSSISTEMA NO SÍTIO
TRÊS ESTRELAS**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de Memorial submetido ao curso de Bacharelado em Agroecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Agroecologia

Orientadora: Prof. Dra. Gilvânia de Oliveira Silva

GLÓRIA DO GOITÁ-PE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586oc Silva, Anderson Severino da
OS CICLOS DA VIDA E O REDESENHO DE AGROECOSSISTEMA NO SÍTIO TRÊS ESTRELAS /
Anderson Severino da Silva. - 2025.
36 f. : il.

Orientadora: Gilvania de Oliveira Silva.
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, , Recife,
2025.

1. Agroecologia. 2. Agriculturas. 3. Extensão Rural. 4. Sustentabilidade . I. Silva, Gilvania de Oliveira,
orient. II. Título

CDD

ANDERSON SEVERINO DA SILVA

**OS CICLOS DA VIDA E O REDESENHO DE AGROECOSSISTEMA NO SÍTIO
TRÊS ESTRELAS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Bacharelado em Agroecologia.

Recife/PE, 18 de março de 2025.

Profa. Maria Virgínia de Almeida Aguiar, Dra.
Coordenação do Curso

Banca examinadora

Profa. Dr^a. Gilvânia de Oliveira Silva - UFRPE
Orientadora

Prof. Dr^o. Walter Santos Evangelista Júnior - UFRPE
Examinador(a) Docente do curso

Profa. Dr^a. Maria Zênia Tavares da Silva - UFRPE
Examinador(a) Docente do curso

Prof. Dr^a. Maria Virgínia de Almeida Aguiar
Suplente Docente do curso

Dr^o. Germano de Barros Ferreira
Examinador(a) Externo

Dedico este trabalho à minha mãe, Severina Maria da Silva, e ao meu pai, Lourival Severino da Silva, pelos ensinamentos e por tudo o que sou hoje. Nada disso seria possível sem vocês ao meu lado desde cedo.

Dedico também a todas as pessoas que acreditam na Agroecologia como caminho para um futuro sustentável.

"Onde estiver, seja lá como for, tenha fé, porque até no lixão nasce flor". (Racionais MC's)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pela minha existência e por me colocar a serviço das pessoas mais vulneráveis e excluídas da sociedade.

Agradeço à minha família, pelo suporte incondicional e por acreditarem no meu potencial desde o início da minha jornada acadêmica.

Aos meus professores, especialmente aqueles que me orientaram ao longo da minha trajetória no curso de Bacharelado em Agroecologia.

À professora Gilvânia, minha orientadora, que me guiou na construção deste trabalho, me incentivando a seguir firme mesmo nos momentos de fraqueza, e sempre acreditando no meu potencial.

Aos colegas de curso, agradeço pela troca de experiências, pelas discussões enriquecedoras e pelo apoio mútuo.

A Pâmela pelo apoio, compreensão e amor incondicional.

A Abdalaziz de Moura, por ter me mostrado através da Pedagogia de Apoio ao Desenvolvimento Sustentável – PEADS, o caminho de casa, me ajudando a enxergar o meu potencial, das pessoas, do Sítio Três Estrelas e do território.

Ao amigo Paulo José de Santana, que sempre esteve ao meu lado, partilhando palavras de esperança e apoio, ajudando-me a superar as dificuldades.

À equipe do secretariado da Cáritas Brasileira Regional Nordeste 2, pelo carinho, apoio, confiança e acolhimento.

Ao amigo Junior Siqueira, que, no início do curso, me ajudou a superar os desafios da universidade com seu apoio e amizade.

Ao amigo e professor Walter Evangelista por compartilhar suas experiências e vivências.

Por fim, agradeço a todos os camponeses e camponesas, que tive a oportunidade de conhecer e colaborar, tanto durante as imersões quanto no contexto do meu trabalho. Sou imensamente grato por cada momento de aprendizagem com os que compartilharam suas práticas, conhecimentos e saberes comigo.

Este memorial é, em grande parte, um reflexo de todos vocês e de tudo o que aprendi ao longo dessa jornada. Obrigado por fazerem parte dessa etapa tão significativa da minha vida

EPÍGRAFE

O campo é meu lugar

Pisa na terra descaso, para muitos é nojento, mas pra mim é uma honra é onde eu tiro meu sustento;
É os pés cheio de terra e as mãos sujas de areia, ao invés de correr sangue queria terra na veia.
Pra falar para todo mundo que eu amo minha terra, não nego sou nordestino e faço tudo por ela.
Minha alma é de guerreiro então vamos batalhar, sou morador do campo vamos juntos transformar.
vamos contextualizar, vamos conscientizar os agricultores a forma deles plantar;
É plantar diversidade é trabalhar no equilíbrio é ser mais sustentável, é campo mais produtivo;
É viver em harmonia com a natureza não é derrubando árvore que tu vai ter comida na mesa;
É mudar urgentemente a forma de produzir para planta nós desmatamos estamos rumo ao fim;
Não nasci pra ser estepe eu nasci pra transformar, se o campo tá morrendo parado não vou ficar;
O campo tem talento, mas tá ficando lento, o campo tá perdendo e a cidade tá crescendo;
Se no campo tem talento porque sair dali, troca campo por cidade só pra evoluir;
Se eu tenho talento, tenho o dom de transformar, mano eu nasci no campo é lá que eu vou ficar;
Tentaram não conseguiram, tirar minha raiz, eu fora do campo e o campo fora de mim;
Sou igual a uma estrela quando nasce pra brilhar, pra brilhar eu não preciso sair do meu lugar;
Se eu nasci numa casinha no pé de uma serra, toda feita de taipa candeeiro era vela;
Ali eu vou ficar, ali é meu lugar, no campo vou seguir, no campo vou caminhar, no campo vou demolir, no campo vou partilhar, no campo vou construir, no campo vou sonhar, no campo vou prosseguir, no campo vou conseguir, no campo não vou excluir todos vão torcer por mim, no campo eu vou insistir, a nunca desistir, no campo vou retribuir tudo que ele fez por mim, no campo eu não vou ser pássaro, mas vou ter asas pra voar;
O campo é minha vida jamais vou abandonar, o que eu peço nessa vida é um pouco de amor;
Respeita homem e mulher do campo ambos são trabalhador;
Ser agricultor pra mim é respeito, é carrega a natureza dentro do meu peito, o verdadeiro agricultor não tem ambição;
Um simples pedaço de terra vale mais que um milhão; o seu maior tesouro um pedaço de terra, só entende essa frase quem realmente vive dela, quem realmente vive dela

RESUMO

Este trabalho relata minha trajetória no curso de Bacharelado em Agroecologia, destacando os aprendizados adquiridos ao longo da formação e as conexões entre teoria e prática, na construção do meu perfil como agroecólogo-educador. Neste estudo, enfatizo a importância do conhecimento do bioma local pelas famílias camponesas, pois esse entendimento é fundamental para projetar agroecossistemas mais resilientes. A integração dos subsistemas animal e vegetal é essencial para promover a ciclagem de nutrientes e aumentar a biodiversidade nos agroecossistemas. A metodologia de organização do trabalho utilizou as anotações das aulas, relatórios, fotografias e vivências (imersão, vivência universitária, vivência realidade campo e estágios). Os principais teóricos que ajudaram na construção da fundamentação teórica e reflexões foram: Capra (2002), Caporal (2015), Caporal, Costabeber (2004), Monteiro (2012), Figueiredo, Brainer, Guilhermina (2022), Gandin (2001), Gotsch (1997), Machado (2012), Frossard (2014) e Rodrigues, Barbieri (2008). Neste memorial reafirmo a relevância do planejamento participativo no redesenho de agroecossistemas, como uma estratégia para fortalecer a autonomia das comunidades rurais. Abordo estilos de agricultura sustentáveis, como modelo de produção, que busca ser ambientalmente sustentável, socialmente justo e economicamente viável a longo prazo. A integração dos princípios naturais nos sistemas produtivos agrícolas é uma abordagem que defendo, apresentando a Agroecologia como uma alternativa viável à agricultura convencional. Compartilho também minha experiência prática, desenvolvido no meu território com minha família no Sítio Três Estrelas, bem como no trabalho com comunidades rurais, atuando como extensionista educador profissional (de nível médio) e em formação (nível superior). Ao longo dessa jornada, consolidei minha identidade profissional e reafirmo meu compromisso com a Agroecologia como uma escolha de vida. Para o futuro, pretendo continuar integrando trabalho e estudo, contribuindo para a construção de territórios mais sustentáveis e socialmente justos.

Palavras-chave: Agroecologia; Agriculturas; Extensão Rural; Sustentabilidade.

ABSTRACT

This work reports on my trajectory in the Bachelor's Degree in Agroecology, highlighting the learning acquired throughout the training and the connections between theory and practice, in the construction of my profile as an agroecologist-educator. In this study, he emphasized the importance of knowledge of the local biome by peasant families, as this understanding is fundamental to designing more resilient agroecosystems. The integration of animal and plant subsystems is essential to promote nutrient cycling and increase biodiversity in agroecosystems. The work organization methodology used class notes, reports, photographs and experiences (immersion, university experience, field experience and internships). The main theorists who helped in the construction of the theoretical foundation and reflections were: Capra (2002), Caporal (2015), Caporal, Costabeber (2004), Monteiro (2012), Figueiredo, Brainer, Guilhermina (2022), Gandin (2001), Gotsch (1997), Machado (2012), Frossard (2014) and Rodrigues, Barbieri (2008). In this memorial I reaffirm the relevance of participatory planning in the redesign of agroecosystems, as a strategy to strengthen the autonomy of rural communities. I address sustainable agricultural styles, as a production model, that seeks to be environmentally sustainable, socially fair and economically viable in the long term. The integration of natural principles into agricultural production systems is an approach that I advocate, presenting Agroecology as a viable alternative to conventional agriculture. I also share my practical experience, developed in my territory with my family in Sítio Três Estrelas, as well as in working with rural communities, acting as a professional educator extensionist (secondary level) and in training (higher level). Throughout this journey, I consolidated my professional identity and reaffirmed my commitment to Agroecology as a life choice. For the future, I intend to continue integrating work and study, contributing to the construction of more sustainable and socially just territories.

Keywords: Agroecology; Agriculture, Rural Extension, Sustainability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa dos sonhos do Sítio Três Estrela.....	29
Figura 2- SAFA implantado no Sítio Três Estrelas.....	30
Figura 3- Status do SAFA implantado no Sítio Três Estrelas.....	31
Figura 4- Detalhe do banco de sementes crioulas do Sítio Três Estrelas.....	31
Figura 5- Estocagem de forragem usando a técnica de ensilagem no Sítio Três Estrelas....	32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BACEP	Bacharelado em Agroecologia Campesinato e Educação Popular
IFPE	Instituto Federal de Pernambuco
SERTA	Serviço de Tecnologia Alternativa
SAFA	Sistema Agroflorestal Agroecológico
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
VRC	Vivência Realidade Campo
VU	Vivência Universidade

SUMÁRIO

1 . INTRODUÇÃO.....	13
2 . TEORIZANDO OS AGROECOSSISTEMAS.....	19
2.1 ETNOAGROECOSSISTEMA DE PRODUÇÃO ANIMAL, VEGETAL E REDESENHO DOS ETNOAGROECOSSISTEMA.....	19
2.2 ESTILOS DE AGRICULTURA SUSTENTÁVEIS E SISTEMA AGROFLORESTAL AGROECOLÓGICO.....	23
3. CONSTRUINDO A REALIDADE DESEJADA.....	27
3.1. SÍTIO TRÊS ESTRELAS: UM AGROECOSSISTEMA FAMILIAR COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO DE PESQUISA-AÇÃO.....	27
3.2. DA TEORIA À PRÁTICA: O EXTENSIONISTA EDUCADOR.....	33
4. CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS.....	36

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo narrar minha trajetória acadêmica destacando os principais marcos, aprendizados, escolhas, conquistas e desafios que aconteceram no caminhar da minha formação como Bacharel em Agroecologia.

O documento reflete minha evolução pessoal e profissional, bem como os valores (honestidade, respeito, humildade, empatia) que norteiam meu trabalho com as comunidades rurais. Além de registrar essa caminhada, desejo que este estudo inspire jovens do campo a trilharem caminhos semelhantes, valorizando a educação contextualizada como instrumento de transformação da realidade. Antes de ingressar na universidade, percorri um caminho marcado por desafios e descobertas que me prepararam para essa jornada acadêmica.

Sou Anderson Severino da Silva, me identifico como camponês. Nasci em 28 de janeiro de 1997, em Vitória de Santo Antão, município localizado na Mata Sul de Pernambuco. Sou o caçula da família, o quinto filho do casamento entre Lourival Severino da Silva e Severina Maria da Silva. Após meu nascimento, meus pais retornaram para o Sítio Três Estrelas, localizado na comunidade Ribeirão no município de Glória do Goitá, situado na Mata Norte do estado de Pernambuco. Nesse sítio, foi onde cresci, e onde continuo morando até hoje.

Crescer em contato com a natureza é um privilégio para poucos, e eu tive essa oportunidade. Longe das grandes cidades, sempre me senti parte da natureza. Afinal, somos natureza. Quando criança, andava descalço para sentir a terra molhada entre os dedos. Aprendi com minha família a preparar a terra para o plantio de alimentos como milho, feijão, mandioca, macaxeira, batata-doce, amendoim e diversas frutas, que serviam para o consumo da minha família.

Ao som do cantar do galo, acordava cedo para tirar ração para os animais criados no sítio. Nessas horas, sentia o sereno deixado pela madrugada fria e o vento gelado, que logo ia aquecendo na medida que o sol nascia. No inverno, a chuva batia de leve no rosto enquanto eu contemplava a lavoura crescendo. Todas essas experiências fizeram parte da minha infância e moldaram quem sou hoje. Sempre tive uma vida simples, sem luxo, mas rica em significados e conexões com a natureza.

Em 2015, enquanto concluía o ensino médio na Escola Estadual Paroquial de Menores, participei de uma feira de ciências com o tema "O ser humano como

agente de sua própria história". Meu grupo de estudo ficou responsável por falar da temática "Meio Ambiente e Sustentabilidade", e foi nesse contexto que tive meu primeiro contato com o termo "Agroecologia". Até então, eu desconhecia o conceito no campo teórico, mas, baseado em algumas leituras, percebi que, de forma intuitiva, já aplicava algumas iniciativas no cotidiano do sítio com minha família.

Após a feira, participei de uma visita técnica ao Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA, localizado no município de Glória do Goitá (PE). Experiência que ampliou meus horizontes. Descobrir novas possibilidades para aprimorar as práticas no sítio e contribuir para melhores condições de vida da minha família. Foi ali que comecei a enxergar a Agroecologia como um caminho para a autonomia e a sustentabilidade no campo.

Em 2017, ingressei no SERTA para cursar Técnico em Agroecologia. A proposta do curso era fundamentada na Pedagogia da Alternância, que, segundo Frossard (2014, p.2) pode ser compreendida “[...] como sendo a sucessão de espaços e momentos de ensino-aprendizagem, que ocorrem, não somente nos tempos/ momentos escolares, mas sim em tempos e espaços que se interdependem entre a escola e a família/ comunidade”. Como camponês, essa Pedagogia foi fundamental para que eu conseguisse conciliar o trabalho no campo com os estudos.

O regime de alternância, didática que materializa a concepção da Pedagogia da Alternância, é uma estratégia que possibilita a relação entre o conhecimento construído no tempo escolar e o cotidiano do discente, reconhecendo-o como sujeito ativo do seu processo de aprendizagem. Partida da realidade vivida e da valorização dos saberes locais, essa didática busca promover “[...] o diálogo entre os saberes populares e científicos, necessários para que a partir de um conhecimento local, endógeno, seja possível compartilhar processos e estratégias coletivizadas de desenvolvimento local” (Frossard, 2014, p.2).

Com isso, conseguir aplicar de maneira prática no Sítio Três Estrelas parte do conhecimento adquirido sobre Agroecologia. Esse método de ensino fortaleceu minha identidade como camponês, e fez com que eu enxergasse o Sítio Três Estrelas como um organismo vivo, que precisava ser cuidado de forma integrada e sustentável.

Durante o curso, aprofundei meus estudos sobre Tecnologias Sociais¹ e comecei a aplicá-las no Sítio Três Estrelas. Com isso, construímos cisternas para a captação de água da chuva, sistemas de tratamento de águas cinzas e um biodigestor. Essas práticas melhoraram a gestão dos recursos naturais e tornou o sítio uma referência na comunidade, inspirando outras famílias do entorno a adotarem soluções semelhantes.

Com isso, percebi que poderia contribuir não apenas na mudança concreta da realidade da minha família, mas também animar outras famílias da comunidade e do território a adotarem práticas semelhantes, adaptadas à realidade local. Esse processo me motivou a buscar novos conhecimentos que dialogassem com a realidade da minha família e de tantas outras do território.

Antes de concluir o curso técnico em Agroecologia, participei de uma seleção no Instituto Federal de Pernambuco- IFPE, Campus Vitória de Santo Antão, para o curso Técnico em Zootecnia. No dia 3 de agosto de 2018, finalizei meu ciclo no SERTA e, em 7 de agosto do mesmo ano, iniciei meus estudos em Zootecnia no IFPE.

Durante 18 meses, me dediquei a aprender sobre criação animal. Motivado pela percepção de que muitas famílias camponesas, incluindo a minha, enfrentavam dificuldades relacionadas à criação animal. O fato de já ter cursado Agroecologia foi um diferencial, pois me ajudou a filtrar as informações e a optar por métodos mais naturais e sustentáveis na criação animal.

Em 2020, retornei para o SERTA, não mais como educando, e sim como educador técnico de campo, para acompanhar 48 famílias camponesas nos municípios de Glória do Goitá-PE, Timbaúba-PE e Tracunhaém-PE, através do Projeto Mutirão Ciranda. O conhecimento empírico adquirido como camponês, aliado ao conhecimento técnico dos dois cursos que realizei, foi um divisor de águas para inspirar essas famílias a se relacionarem de maneira mais harmoniosa com a mãe terra, adotando práticas sustentáveis, como rotação de cultura em seus roçados, cobertura de solo, reflorestamento de nascentes e áreas degradadas do

¹ De acordo com Rodrigues e Barbieri (2008, p. 1075) as tecnologias sociais podem ser entendidas como “[...] um conjunto de técnicas, metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para a inclusão social e melhoria das condições de vida”.

agroecossistema, incentivo ao policultivo. Além de estimular o trabalho coletivo entre as famílias da comunidade.

Durante esse período, alguns colegas de trabalho mencionaram sobre o Bacharelado em Agroecologia Campesinato e Educação Popular – BACEP da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE. Em uma visita técnica de acompanhamento a uma família no município de Tracunhaém, uma camponesa me falou sobre o curso, afirmando que eu reunia todos os requisitos para ingressar e que essa seria uma grande oportunidade para me qualificar ainda mais e melhor atender as famílias do campo.

Passei o dia refletindo sobre o assunto. À noite, ao chegar em casa, fiz minha inscrição para concorrer a uma das 40 vagas disponíveis. Quando o resultado saiu, custei a acreditar que havia sido selecionado para cursar o Bacharelado em Agroecologia.

Como camponês, nunca imaginei que teria acesso à universidade. Essa oportunidade me permitiria compreender a complexidade do mundo moderno, do meu território e da minha realidade, além de me ajudar a intervir nas causas reais que colocaram minha família e tantas outras em situações de vulnerabilidade e exclusão social. Acredito que ingressar no Bacharelado em Agroecologia foi como abraçar um destino já traçado pelas escolhas que fiz ao longo da vida.

O BACEP está estruturado em 4 anos/eixos com diversas temáticas. Os semestres estão organizados pelo regime de alternância entre Vivência Universidade – VU e Vivência Realidade Campo –VRC, que permitem o diálogo entre o conhecimento científico e a realidade do discente junto a famílias e o território. Ainda dentro das ferramentas pedagógicas, há as imersões na realidade² que são realizadas no início de cada semestre e a semana de culminância³ ao final de cada semestre.

²As imersões na realidade correspondem ao primeiro momento do semestre. Elas são vivências pré-organizadas pelo coletivo docente e pelos discentes, com o objetivo de conhecer territórios e experiências que dialoguem com a realidade dos discentes e que contribuem para o debate e aprofundamento teórico-prático ao longo do semestre.

³A semana de culminância é o momento de síntese e socialização do aprendizado construído ao longo do semestre, reunindo todas as turmas do curso. Esse processo ocorre ao final de cada semestre e tem como objetivo principal sistematizar e compartilhar os principais conhecimentos adquiridos pelos discentes, durante as Vivências Universidade (VU), imersões e as Vivências Realidade Campo (VRC). Os estudantes apresentam os resultados de diferentes formas, podendo ser em vídeos, teatro, poesia, rodas de conversa e etc.

Além disso, o etnoagroecossistema do discente é estudado por ele próprio, sendo o espaço onde ele desenvolve suas atividades práticas ao longo do curso. No meu caso, desde do início do BACEP o meu etnoagroecossistema é o Sítio Três Estrelas, espaço de moradia, trabalho e experimentação. Trata-se de um agroecossistema familiar de um hectare (10.000 m²), habitado por oito pessoas.

Os 4 eixos temáticos são: 1. Conhecer o Etnoagroecossistema; 2. Planejar e Agir no Etnoagroecossistema; 3. Agir no Etnoagroecossistema; 4. Avaliar, Analisar e Sistematizar a Ação no Etnoagroecossistema. Cada eixo temático dura 1 ano, sendo dividido em 2 semestres, composto de diversas temáticas. Dentre as temáticas que mais me chamaram atenção e marcaram minha trajetória acadêmica, destaco quatro:

As duas primeiras foram: Etnoagroecossistema de produção Animal e Vegetal e Redesenho dos Etnoagroecossistemas, que ampliou minha compreensão sobre as interações entre os componentes do agroecossistema, com ênfase na criação animal e na importância do redesenho do agroecossistema. As outras duas temáticas foram: Manejo de Etnoagroecossistemas; e Extensão Rural Agroecológica, destacando os estilos de agriculturas sustentáveis e sistema agroflorestal agroecológico, ampliando minha visão sobre formas sustentáveis de produção, destacando os sistemas agroflorestais agroecológicos como estratégias tanto de produção quanto de conservação e recuperação de áreas degradadas.

A construção deste trabalho envolveu o uso de ferramentas metodológicas, como a análise reflexiva de documentos e registros pessoais (anotações, relatórios e fotografias), além de diálogos com colegas e professores/as que marcaram minha trajetória acadêmica. O recorte temporal inicia no ano de 2020 até 2025⁴. O curso se estendeu por cinco anos, devido ao início da pandemia da Covid 19, que causou atrasos significativos na formação. Ao longo desse período, houve muito acúmulo de memórias individuais e coletivas que traduzem minha vivência acadêmica. Esse processo reforça a perspectiva participativa de uma caminhada vivida não só por mim, mas por todos e todas que estiveram ao meu lado nesse período

A estrutura deste trabalho está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo consiste nesta introdução, na qual apresentamos os objetivos e a metodologia adotada. No segundo capítulo, teorizando os agroecossistemas, que

⁴ Embora estamos no ano de 2025, ainda estamos vivenciando o semestre de 2024.2

discute alguns conceitos e seus autores, organizada nas seguintes seções: Etnoagroecossistema de produção Animal, Vegetal e Redesenho dos Etnoagroecossistemas e Estilos de Agricultura Sustentáveis e Sistema Agroflorestal agroecológico.

O terceiro capítulo Construindo à Realidade Desejada, abordará minha atuação na realidade, dividido nas seguintes seções: O Sítio Três Estrelas: Um Agroecossistema Familiar Como Espaço Pedagógico de Pesquisa-Ação; Da Teoria à Prática: o Extensionista Educador. Neste capítulo, destaco não apenas minha vivência no Sítio Três Estrelas, mas também minha atuação profissional no território durante o curso. Por fim, o quarto capítulo, onde apresento a conclusão.

2. TEORIZANDO OS AGROECOSSISTEMAS

Este capítulo fala da relação entre agroecossistemas e suas interações com a fauna, flora e práticas agrícolas sustentáveis. Defende que o conhecimento do bioma local pelos camponeses e camponesas deve ser o ponto de partida para iniciar qualquer criação animal, de modo a obter maior resiliência ao agroecossistema.

A integração entre os subsistemas animal e vegetal é destacada como um fator essencial para a ciclagem de nutrientes, regulação natural do sistema e aumento da biodiversidade.

Além disso, o capítulo discute estilos de agricultura sustentável e o Sistema Agroflorestal Agroecológico – SAFA, ressaltando que a verdadeira inovação na produção agrícola está na observação e reprodução dos processos naturais. A Agroecologia é uma ciência transdisciplinar que respeita os ciclos ecológicos e fortalece as comunidades, indo além da produção de alimentos e incorporando dimensões sociais, ambientais, econômicas, culturais e políticas.

A transição agroecológica é defendida como um processo necessário para garantir autonomia dos camponeses e camponesas e viabilidade econômica a longo prazo, promovendo um modelo produtivo alinhado à preservação dos recursos naturais e à justiça socioambiental.

2.1 ETNOAGROECOSSISTEMA DE PRODUÇÃO ANIMAL, VEGETAL E REDESENHO DOS ETNOAGROECOSSISTEMA

O conhecimento da fauna nativa deve ser o ponto de partida para qualquer camponês ou camponesa que deseja fazer a inserção de animais no agroecossistema. Para os camponeses e camponesas esse entendimento é fundamental, pois incentiva a observação e o estudo do ecossistema ao seu redor. A partir dessa leitura de paisagem, torna-se possível desenhar sistemas de produção animal mais alinhados à realidade local, garantindo maior similaridade do agroecossistema e o ecossistema natural, de modo a alcançar maior resiliência e sustentabilidade da produção.

Diante disso, é importante trazer o conceito de ecossistema definido de forma muito precisa como sendo “o sistema ecológico de um lugar” (Ab’Saber, 2006,

apud Monteiro, 2012, p.68). Ou seja, tudo que existe e acontece no ambiente natural está conectado: as plantas, os animais, o solo, a água, o clima e até os seres humanos, quando estão presentes. Esse “sistema ecológico” funciona como uma rede viva, onde cada elemento tem um papel e influencia os demais. Não dá para entender um ser isolado do ambiente onde ele vive.

Outro conceito importante, e que merece destaque, é o de agroecossistema. Dialogando com Monteiro (2012, p.68) ele afirma que para a agroecologia “[...] o conceito de agroecossistema é a unidade básica de análise e intervenção”. Isso quer dizer que é no agroecossistema – no roçado, no quintal, na criação, no pedaço de terra onde a família vive e trabalha, que tudo acontece. É nesse espaço que é possível observar como o solo está sendo cuidado, como a água é usada, o que se planta, o que se colhe, como a família se organiza e se relaciona com a natureza. E é ali também que é possível agir: mudando práticas, fortalecendo tradições, buscando soluções juntas e juntos, para que esse sistema funcione de um jeito mais justo, sustentável e cheio de vida.

Por isso, é fundamental compreender que, quando falo de agroecossistema, estou me referindo a esse sistema ecológico com a presença ativa das pessoas: com sua cultura, trabalho, saberes tradicionais, história e modo de vida. Entendendo que, é nesse espaço construído há muitas mãos, que se articula a produção de alimentos com o cuidado com esse sistema ecológico local.

Pensando na inserção do animal na produção familiar, é essencial entender esses conceitos. Isso ajuda a interagir com as diversas realidades, tendo sempre como ponto de partida o ecossistema local. Por exemplo, ao analisarmos o bioma Mata Atlântica na região do Nordeste Brasileiro, podemos refletir sobre a viabilidade da criação de bovinos nesta região. Um indicativo interessante para essa discussão é a presença da anta-brasileira (*Tapirus terrestris*), um animal nativo com hábitos alimentares e porte semelhantes aos bovinos. Sua existência pode apontar que a região tem condições de suportar herbívoros desse porte.

Mas, não basta só observar a presença dos animais nativos. É necessário fazer uma análise técnica das condições do agroecossistema, considerando a capacidade de suporte do ambiente: o solo, a vegetação, a disponibilidade de água e o equilíbrio do sistema como um todo. E, acima de tudo, não se trata de derrubar a vegetação para colocar os animais. Pelo contrário: a proposta agroecológica é

pensar arranjos produtivos que combinem a criação de animais com a conservação do bioma. Ou seja, produzir e preservar ao mesmo tempo, respeitando o ritmo da natureza.

Assim como no bioma Mata Atlântica, onde a presença da anta pode indicar a viabilidade da criação de bovinos, no bioma Caatinga do Nordeste Brasileiro, a existência de animais nativos, como o veado-catingueiro (*Subulo gouazoubira*), indica semelhança com caprinos e ovinos. Esses animais compartilham estratégias naturais de sobrevivência em um ambiente caracterizado pela baixa disponibilidade hídrica e pela alta variabilidade climática.

Essas observações permitem que os camponeses e as camponesas planejem suas criações de forma integrada e consciente, minimizando impactos ambientais e fortalecendo a resiliência dos agroecossistemas.

A integração entre animais e vegetais no contexto agroecológico fortalece a ideia de que a saúde do agroecossistema está ligada à harmonia entre seus componentes. A abordagem agroecológica propõe a compreensão dos sistemas de produção como redes dinâmicas de interações entre componentes bióticos e abióticos. Dentro desse contexto, o agroecossistema, formado pela integração entre animais e cultivos vegetais, constitui um conjunto de práticas e processos ecológicos que favorecem a ciclagem de nutrientes, a regulação natural do sistema e o aumento da biodiversidade. Essa relação não é apenas um processo passivo, mas um ciclo ativo que promove a resiliência do sistema, como destaca Capra (2002).

Não existe nenhum organismo individual que viva em isolamento. Os animais dependem da fotossíntese das plantas para ter atendidas as suas necessidades energéticas; as plantas dependem do dióxido de carbono produzido pelos animais, bem como do nitrogênio fixado pelas bactérias em suas raízes; e todos juntos vegetais animais e microrganismos regulam toda a biosfera e mantêm as condições propícias à preservação da vida (Capra, 2002, p.23).

Dentro dessa lógica, a inserção da criação animal, ao ser incorporado ao manejo agroecológico nos subsistemas de cultivo vegetal não se restringe à mera adubação orgânica por meio dos esterco e urinas, mas também cumpre papéis essenciais no manejo natural, em que os animais atuam como agentes de controle biológico, promovem a homogeneização da matéria orgânica e contribuem para a melhoria da estrutura do solo. Por outro lado, os cultivos vegetais oferecem abrigo e alimento para os animais. Esse manejo integrado, conduzido com sabedoria pelos

camponeses e camponesas estabelece uma troca benéfica que potencializa o funcionamento do agroecossistema, fechando um ciclo virtuoso de cooperação.

O conceito de redesenho dos etnoagroecossistemas enfatiza a necessidade de reconfigurar as práticas agrícolas tradicionais, de forma a incorporar tanto os avanços da ciência moderna quanto os saberes empíricos transmitidos de geração em geração, como aponta Caporal e Costabeber (2004):

[...] a Agroecologia se consolida como enfoque científico na medida em que este campo de conhecimento se nutre de outras disciplinas científicas, assim como de saberes, conhecimentos e experiências dos próprios agricultores, o que permite o estabelecimento de marcos conceituais, metodológicos e estratégicos com maior capacidade para orientar não apenas o desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis, mas também processos de desenvolvimento rural sustentável (Caporal e Costabeber, 2004, p. 13).

O redesenho de agroecossistema envolve a adoção de uma visão sistêmica, na qual cada componente é integrado de modo a potencializar os serviços ecossistêmicos. Assim, o redesenho não é um simples ajuste técnico, mas um processo social transformador que busca alinhar a produção de alimentos e a conservação dos recursos naturais e multiplicação e valorização de todas as formas de vida.

Esse redesenho também implica na valorização dos conhecimentos locais e da experiência dos camponeses e camponesas. Essa dimensão cultural é crucial para a construção de desenhos de agroecossistemas que sejam não só ecologicamente eficientes, mas também socialmente justo e adaptados às condições específicas de cada região. A conjugação entre a ciência formal e os saberes tradicionais permite inserir no desenho estratégias de manejo que respeitam as particularidades do ambiente e da comunidade, fortalecendo a autonomia e a identidade dos camponeses e camponesas.

Para isso, o planejamento participativo no redesenho de agroecossistemas é essencial. Segundo Gandin (2001, p. 82), esse processo busca “[...] contribuir para construção da realidade social.” Sua principal característica é o envolvimento das pessoas, permitindo a complementação de diferentes olhares sobre a realidade.

A diversidade funcional e a interconexão dos elementos do sistema aumentam a capacidade de adaptação frente às perturbações, como as mudanças climáticas e a pressão do uso intensivo do solo. A integração harmoniosa entre

animais e plantas favorece a regeneração dos solos e a manutenção dos ciclos naturais, contribuindo para a sustentabilidade a longo prazo dos agroecossistemas.

Nesse sentido, a conexão entre os componentes animal e vegetal, aliada ao redesenho dos etnoagroecossistemas, representa uma abordagem inovadora para repensar esses espaços. Fundamentada em princípios ecológicos, sociais e culturais, essa perspectiva propõe a construção de sistemas produtivos que autorregulam, capazes de promover a conservação ambiental, garantir a segurança alimentar e fortalecer a sustentabilidade das famílias do campo.

Dessa forma, compreender a dinâmica dos ecossistemas e incorporá-la ao planejamento do agroecossistema é um passo essencial para fortalecer sua resiliência. Ao adotar práticas que favorecem as interações entre fauna e flora, os camponeses e camponesas tornam-se protagonistas na construção de sistemas produtivos mais sustentáveis, assegurando não apenas a viabilidade econômica, mas também a preservação ambiental e o bem-estar no presente e nas futuras gerações.

2.2 ESTILOS DE AGRICULTURA SUSTENTÁVEIS E SISTEMA AGROFLORESTAL AGROECOLÓGICO

A natureza sempre foi e continua sendo nossa maior inspiração quando buscamos praticar uma agricultura sustentável. Muito antes da intervenção humana, ela já organizava sistemas produtivos complexos, em que plantas, animais, microrganismos e elementos abióticos interagem de maneira harmônica. O ciclo das chuvas, a fertilização do solo pelas folhas que caem e se decompõem, a dispersão das sementes pelo vento e pelos animais, tudo isso compõe um sistema natural, que se renova continuamente sem necessidade de insumos externos. No entanto, quando falamos em agricultura, raramente a sociedade reconhece esse processo, tão rico e natural.

A agricultura convencional tende a se afastar dessas dinâmicas naturais, impondo arranjos produtivos que desconsideram a lógica da natureza. Para Capra (2002)

O uso maciço de fertilizantes e pesticidas químicos mudou todo o modo de se fazer agricultura, na mesma medida em que as empresas agroquímicas convenceram os agricultores de que poderiam ganhar dinheiro plantando

um único produto agrícola em áreas enormes e controlando as pragas, ervas daninhas com agentes químicos (Capra, 2002, p.194-195).

Esse modelo de agricultura convencional é dependente de insumos externos, sendo insustentável, pois caminha para o lado oposto da natureza. Esse modelo de agricultura é degradante nos diversos aspectos: social, econômico, ambiental, político e cultural. Entre suas características podemos destacar o uso de fertilizantes no solo por meio de adubos químicos, substituição da biodiversidade por monoculturas e crescimento forçado das plantas com técnicas artificiais, cujo objetivo principal é obter lucro imediato. No entanto, será que a verdadeira inovação não está justamente em aprender com a natureza e integrar seus princípios aos sistemas produtivos?

A Agroecologia, enquanto ciência, prática e movimento, respeita e valoriza os processos naturais, inspirando-se na maneira como a própria natureza se organiza. Ao defender e estimular o uso de práticas naturais nos agroecossistemas, nota-se um aumento na biodiversidade e uso mais eficiente dos recursos naturais, que se contrapõem à lógica da agricultura convencional.

Um exemplo são os SAFAS, que alinham a produção agrícola ao fluxo da vida. Como afirma Götsch (1997, p. 7), a chave está em “plantar consórcios de espécies, o mais diversificado possível, de todas as etapas sucessionais, a caminho do clímax da vegetação natural do teu lugar.”

Sob essa perspectiva, a Agroecologia surge como um campo do conhecimento que não apenas reconhece os processos naturais como base para a produção agrícola, mas também propõe caminhos para redesenhar agroecossistemas de forma integrada e sustentável. Como destaca Caporal e Costabeber (2004, p. 8), a Agroecologia nasce “como um novo enfoque científico, capaz de dar suporte a uma transição a estilos de agricultura sustentáveis e, portanto, contribuir para o estabelecimento de processos de desenvolvimento rural sustentável.”

Dessa forma, os camponeses e camponesas assumem um papel distinto daqueles que praticam a agricultura convencional. Em vez de impor um modelo fixo de produção, atuam como mediadores/as entre o potencial natural do agroecossistema e as necessidades humanas, construindo arranjos produtivos que respeitam e potencializam a biodiversidade local. Esse olhar sistêmico conduz a um

processo de transição agroecológica, no qual a natureza deixa de ser vista como um obstáculo a ser superado e passa a ser reconhecida como uma aliada essencial na construção de agroecossistemas sustentáveis e resilientes.

Diante disso é importante destacar o conceito de transição agroecológica apontada por Caporal (2015).

Na Agroecologia, é central o conceito de transição agroecológica, entendida como um processo gradual e multilinear de mudança, que ocorre através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, que, na agricultura, tem como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção [...] a estilos de agriculturas que incorporem princípios e tecnologias de base ecológica. Essa ideia de mudança se refere a um processo de evolução contínua e crescente no tempo, porém sem ter um momento final determinado (Caporal, 2015, p. 285).

Esse conceito nos ajuda a entender que a transição agroecológica, não acontece de forma imediata, mas sim como um caminho construído aos poucos, a partir de mudanças nas práticas, nos saberes e nas relações com a terra. É um processo contínuo, que valoriza cada passo dado na direção de um modelo mais justo, sustentável e em harmonia com os ciclos da natureza.

A adoção de estilos de agricultura sustentável, segundo Caporal e Costabeber (2004, p. 15), leva à obtenção de “[...] produtos de qualidade biológica superior.” No entanto, produzir alimentos com alta qualidade biológica não é suficiente. A sustentabilidade na agricultura precisa ser compreendida de maneira ampla, envolvendo dimensões sociais, culturais, ambientais, políticas e econômicas. Como apontam Caporal e Costabeber (2004)

[...] esta agricultura deve atender requisitos sociais, considerar aspectos culturais, preservar recursos ambientais, considerar a participação política e o empoderamento dos seus atores, além de permitir a obtenção de resultados econômicos favoráveis ao conjunto da sociedade, com uma perspectiva temporal de longo prazo, ou seja, uma agricultura sustentável (Caporal e Costabeber, 2004, p.15).

Dessa forma, a Agroecologia nos incentiva a integrar esses princípios, propondo práticas que respeitam os ciclos naturais e que fortalecem os laços comunitários. Além disso, busca garantir a autonomia dos camponeses e camponesas e a viabilidade econômica a longo prazo. O compromisso com a preservação dos recursos ambientais e a valorização dos saberes locais reforça a ideia de que a agricultura sustentável não se limita apenas às técnicas produtivas, mas envolve a construção de um modelo de sociedade mais justa e equilibrada.

Nesse sentido, a discussão sobre estilos de agricultura nos convida a refletir sobre os caminhos que devem ser fortalecidos para garantir um modelo produtivo alinhado aos ciclos naturais e aos anseios coletivos, atendendo tanto às demandas do presente quanto às necessidades das futuras gerações.

3. CONSTRUINDO A REALIDADE DESEJADA

Este capítulo apresenta minha experiência prática no Sítio Três Estrelas, um espaço pedagógico de pesquisa-ação, onde foram desenvolvidas atividades fundamentais para minha formação profissional, ao mesmo tempo em que fortaleceu a autonomia da minha família e a sustentabilidade do agroecossistema.

A vivência no sítio permitiu a aplicação de conhecimentos adquiridos ao longo do BACEP, possibilitando um processo de experimentação e aprendizado contínuo. Além disso, o capítulo discute a relação entre teoria e prática, destacando o papel do extensionista educador como facilitador do conhecimento e promovendo a troca de saberes entre a universidade e as comunidades rurais.

3.1. SÍTIO TRÊS ESTRELAS: UM AGROECOSSISTEMA FAMILIAR COMO ESPAÇO PEDAGÓGICO DE PESQUISA-AÇÃO

O Sítio Três Estrelas está localizado na comunidade Ribeirão, no município de Glória do Goitá, na Mata Norte de Pernambuco. Com uma área de um hectare (10.000 m²), é o meu lar, espaço de trabalho e local de experimentação junto à minha família, composta por oito pessoas. Desde o início do BACEP, o Sítio Três Estrelas é meu espaço pedagógico de estudo e pesquisa-ação.

Compreender a realidade é um exercício complexo e vai além da observação do que está visível. Envolve o entendimento das relações sociais, culturais, econômicas e ambientais que o atravessam, bem como as percepções dos sujeitos envolvidos.

Ao longo do BACEP, diversas atividades foram desenvolvidas neste espaço, contribuindo tanto para minha formação quanto para as transformações desejadas. Um dos primeiros passos foi a caracterização do agroecossistema, na qual estudei o território considerando clima, relevo, vegetação, tipo de solo e índice de precipitação anual da região.

A realidade é o ponto de partida e também o ponto de chegada. Ao estudar-lá profundamente, somos levados à sua essência, “quando se descobre a essência, descobrem-se, então, as potencialidades [...]” (Moura, 2015, p.52). E ao descobrir essa essência descobrimos também a nós mesmos e nosso papel na transformação do nosso lugar.

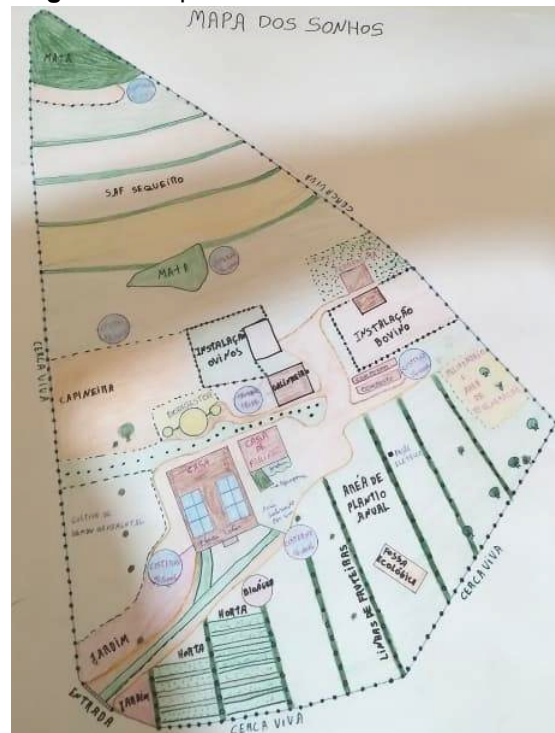
Essa análise revelou que o Sítio Três Estrelas apresenta maior dificuldade para retenção de água no solo em comparação a outros agroecossistemas da comunidade Ribeirão. Viver em um lugar não significa necessariamente compreendê-lo em sua totalidade, mas o aprendizado é um processo contínuo e coletivo.

Essa descoberta foi importante, pois a partir disso intensificamos algumas práticas agroecológicas como cobertura do solo, aumento da agrobiodiversidade⁵ e plantio em curva de nível. Essas práticas permitem a captação e o armazenamento eficiente da água no solo, mantendo-o úmido por mais tempo e contribuindo para a alimentação das fontes de coleta de água da comunidade, beneficiando, tanto o Sítio Três Estrelas quanto os agroecossistemas familiares do entorno.

Outro marco importante foi a construção do Mapa dos Sonhos do agroecossistema. Pela primeira vez, conseguimos visualizar o sítio em sua totalidade, revelando dinâmicas, desafios, limitações e potencialidades. Essa representação permitiu orientar intervenções estratégicas na realidade para melhorar os processos produtivos, conservar os recursos naturais e recuperar áreas degradadas.

A construção do Mapa dos Sonhos (Figura 1) foi um momento essencial para refletir sobre o redesenho do agroecossistema, permitindo uma análise crítica da realidade atual e a visualização de um futuro desejável. Esse processo revelou a necessidade de integrar estilos de agricultura sustentáveis ao planejamento do agroecossistema. Essa prática reforçou a importância do planejamento participativo como instrumento de organização e autonomia na gestão do agroecossistema familiar.

⁵ Segundo Machado (2012, p. 48) “O termo agrobiodiversidade é formado por *agro*, do latim, campo, *cultura*, bio, do grego, vida, diversidade. Significa, portanto, diversidade da vida no campo, das culturas.”

Figura 1: Mapa dos sonhos do Sítio Três Estrela

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

O processo de redesenho do agroecossistema é uma ação coletiva da família e de outros sujeitos, para a construção de um futuro agroecossistema desejável. Assim, compreender a realidade como um sistema complexo nos permite identificar tanto desorganizações impostas quanto possibilidades de reorganização, promovendo ações mais conscientes e integradas.

Uma vivência marcante na comunidade Ribeirão com minha família foi a realização de uma trilha ecológica⁶ para observar três áreas distintas. Essa comparação entre os três sistemas revelou que, embora a monocultura tenha eficiência produtiva imediata, sua insustentabilidade compromete os recursos naturais a longo prazo. Em contraste, as florestas naturais e os sistemas agroflorestais agroecológicos demonstraram uma maior capacidade de equilíbrio entre produção e conservação.

⁶[...] O método consiste em visitar e observar três áreas ecologicamente distintas com a finalidade de estimular a capacidade cognitiva dos/as participantes sobre as diversas dimensões e os seus respectivos elementos: o primeiro ambiente é uma floresta primária, o segundo um roçado convencional (em geral um monocultivo), e finalmente o terceiro uma área de agricultura agroflorestal biodiversa e consolidada, com espécies em diferentes estratos. (Figueiredo, Brainer, Guilhermina, 2022, "N.P").

Durante a imersão na Mata Norte de Pernambuco, ainda no 5º período do curso, tive a oportunidade de vivenciar a implantação de um SAFA em uma propriedade familiar. Essa atividade foi fantástica e abriu novos caminhos para a minha formação. No entanto, foi no Sítio Três Estrelas, com meus familiares, que pude colocar em prática os aprendizados de maneira mais integrada à minha realidade ao planejar e implantar um SAFA.

A área planejada para o sistema foi de 170 m², onde já existiam algumas espécies, como coqueiro, limão, laranja, banana, graviola, tamarindo, acerola, pinha e café. A essas, foram introduzidas novas culturas alimentares e forrageiras, como macaxeira, batata-doce, milho, fava, quiabo, arroz de sequeiro, capim-elefante, palma forrageira e gliricídia, além de espécies nativas como sucupira e pau d'arco (Figura 2).

Figura 2- SAFA implantado no Sítio Três Estrelas.



Fonte: Elaborada pelo autor (2023)

Essa vivência foi essencial para ampliar minha compreensão sobre os processos de transição para estilos de agricultura sustentáveis. Ao acompanhar a evolução do SAFA, ficou evidente que a sucessão natural das espécies ocorre de forma contínua, como um ciclo incessante de renovação, onde a vida se manifesta a cada instante, como é destacado por Götsch (1997).

O nascimento de cada ser vivo, a sua força de crescer, de frutificar, de criar o próximo a seguir, de completar o processo de amadurecimento, tendo no final a morte, ou melhor dizendo, a transformação em outras formas de vida - tudo isso faz parte do metabolismo do macroorganismo Mãe Terra (Götsch, 1997, p. 6).

O exercício da trilha ecológica e as implantações dos SAFAS reafirmaram minha convicção de que a Agroecologia é o caminho para um futuro sustentável. Quando conciliamos produção e preservação, obtemos alimentos saudáveis, e também fortalecemos os agroecossistemas e as comunidades rurais. Atualmente o SAFA implantado está bastante evoluído (Figura 3).

Figura 3- Status do SAFA implantado no Sítio Três Estrelas



Fonte: Elaborada pelo autor (2025).

Outra importante iniciativa foi a formação do banco de sementes crioulas (figura 4) do Sítio Três Estrelas. Partindo do princípio que, as sementes são a origem de tudo na agricultura, obviamente que para fazer uma agricultura sustentável é preciso ter sementes de qualidade e adaptadas às condições climáticas e solo da região a qual estamos inseridos.

Figura 4- Detalhe do banco de sementes crioulas do Sítio Três Estrelas



Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

A criação animal no Sítio Três Estrelas, está passando por um processo de reorganização significativa, especialmente após a visita da turma durante a imersão do 4º período no Sítio Três Estrelas. Durante essa imersão, realizamos uma prática focada na produção de silagem e na formulação de ração alternativa, que nos proporcionou uma visão mais clara sobre a importância da alimentação para o sucesso na criação animal.

A partir desse aprendizado, iniciamos o processo de reorganização da criação animal no sítio, com foco principal na alimentação dos animais. O primeiro passo foi a implantação de duas capineiras. Com isso, após 6 meses de implantação, passamos a fornecer uma alimentação mais balanceada, o que refletiu positivamente no desempenho dos animais.

Além disso, a produção de silagem (Figura 5) tornou-se uma estratégia chave para garantir a alimentação dos animais no período de estiagem. A silagem, além de ser uma ração alternativa eficiente, ajuda a manter a saúde do rebanho e a reduzir custos e trabalho com a alimentação externa.

Esse processo de reorganização não só melhorou a qualidade da alimentação dos animais, mas também contribuiu para a sustentabilidade da produção no Sítio Três Estrelas.

Figura 5- Estocagem de forragem usando a técnica de ensilagem no Sítio Três Estrelas.



Fonte: Elaborada pelo autor (2024)

Outra ação importante na criação animal foi a redução gradual do número de animais no sítio. Anteriormente, a propriedade contava com 5 bovinos, 9 ovelhas, 1 equino e 15 galinhas de capoeira. Com base em reflexões sobre a capacidade de

suporte do agroecossistema, iniciamos um processo de readequação do rebanho. Atualmente, mantemos 3 bovinos, 3 ovelhas, 1 equino e ampliamos para 30 galinhas de capoeira.

Esses animais desempenham um papel fundamental na dinâmica do sítio, especialmente na transferência de biomassa entre os diferentes subsistemas, contribuindo para o equilíbrio e a fertilidade do sistema como um todo.

O Sítio Três Estrelas se consolidou como um verdadeiro laboratório vivo, onde a teoria e a prática caminham juntas no processo de transição agroecológica. Todas essas ações realizadas durante minha formação fortaleceram a resiliência do Sítio Três Estrelas e promoveram maior sustentabilidade.

3.2. DA TEORIA À PRÁTICA: O EXTENSIONISTA EDUCADOR

No contexto da Agroecologia, a prática vai além de uma simples aplicação de teorias acadêmicas; ela é um campo dinâmico de reflexão e retroalimentação, onde o conhecimento ganha vida, é ressignificado e adaptado à realidade local. Esse processo de integração entre teoria e prática foi uma constante ao longo da minha formação acadêmica, sendo vivenciado tanto no Sítio Três Estrelas quanto no meu trabalho como assessor técnico na Cáritas Brasileira Regional Nordeste 2.

Esses intercâmbios entre a universidade e as comunidades rurais proporcionaram uma vivência constante da Agroecologia como ciência, movimento e prática transformadora. Durante minha trajetória, os conhecimentos adquiridos no BACEP foram aplicados de forma prática, criando um ciclo de aprendizado contínuo e significativo.

Foi no Sítio Três Estrelas e em contato direto com as comunidades rurais, que pude me perceber como extensionista educador entendendo que meu papel enquanto animador na construção do conhecimento agroecológico vai além do simples repasse de práticas e técnicas, mas da construção de um conhecimento compartilhado, que parte das realidades locais e integra o saber popular com o conhecimento científico. Contudo, é importante trazer o conceito de Extensão Rural Agroecológica defendida por Caporal (2015), como sendo:

Um processo de intervenção de caráter educativo e transformador, baseado em metodologias de investigação-ação participante, que permitam o desenvolvimento de uma prática social mediante a qual os sujeitos do processo buscam a construção e sistematização de conhecimentos que os

leve a incidir conscientemente sobre a realidade, com o objeto de alcançar um modelo de desenvolvimento socialmente equitativo e ambientalmente sustentável, adotando os princípios teóricos da Agroecologia como critério para o desenvolvimento e seleção das soluções mais adequadas e compatíveis com as condições específicas de cada agroecossistema e do sistema cultural das pessoas implicadas em seu manejo (Caporal, 2015, p.263).

Este conceito é um guia fundamental em minhas ações, pois reconheci a importância da Extensão Rural Agroecológica ao lidar com as particularidades de cada família camponesa. Os desafios no campo são complexos e em todas as dimensões, mas, o mais importante é saber por onde começar; pelo diálogo com as próprias pessoas inseridas na realidade.

Trabalhar diretamente com os camponeses e camponesas reforçou a percepção de que a prática agroecológica não se limita à execução de técnicas. Ela abrange o compartilhamento de saberes, a valorização das tradições locais e a construção conjunta de soluções específicas para os problemas identificados na realidade de cada pessoa. Nesse processo, aprendi tanto quanto ensinei, evidenciando o caráter dialógico e transformador da prática na Agroecologia.

Essa minha experiência reafirma que a prática não apenas estende a teoria, mas também a questiona, complementa e transforma, contribuindo para a construção de um conhecimento cada vez mais vivo e conectado com as realidades sociais e ecológicas.

4. CONCLUSÃO

Ao longo deste percurso no BACEP, fui me reconhecendo e me construindo como agroecólogo-educador: um camponês que mergulhou no universo acadêmico para ser luz para outros camponeses e camponesas, disseminando conhecimentos, animando as famílias a questionarem, refletirem e incidirem sobre a realidade. Sou esse camponês que transforma a realidade em poesia para anunciar a boa nova, mas também para denunciar as injustiças. Sou esse camponês comprometido com a Agroecologia e com todas as formas de vida.

A vivência como camponês, com o BACEP e com os camponeses e camponesas, me fizeram enxergar os desafios e potências nos territórios me permitindo consolidar um olhar crítico e sistêmico sobre o meio rural, ampliando minha capacidade de leitura e intervenção nas realidades que o atravessam.

As aprendizagens acumuladas são múltiplas. No campo técnico, aprimorei conhecimentos sobre manejo agroecológico. No campo metodológico, as metodologias participativas me proporcionaram ferramentas para compreender processos em sua totalidade, valorizando os saberes locais. No campo pessoal, a vivência com comunidades reafirmou a importância da escuta, do diálogo e da construção coletiva, elementos que passam a integrar minha prática profissional e meu modo de ser, estar e agir no mundo.

Olhando para o futuro, minha atuação seguirá sendo guiada pelo compromisso com o fortalecimento da Agroecologia em meu território e para além dele. Quero seguir promovendo ações de assessoria técnica, formação e inovação, sempre ancoradas na metodologia participativa e na valorização da diversidade sociocultural. Além disso, reconheço que a formação não se encerra aqui. A relação entre trabalho e estudo continua sendo fundamental para aprimorar minha leitura de mundo e ampliar minha capacidade de contribuir na vida das pessoas, sobretudo daquelas que mais necessitam.

Concluo este trabalho com a certeza de que a Agroecologia é mais do que um campo profissional: é um caminho de vida, uma escolha política e um compromisso ético. Sigo de pés firmes no chão, cultivando aprendizados e nutrindo esperanças para que os territórios camponeses sejam, cada vez mais, espaços de vida digna, autonomia e resistência.

REFERÊNCIAS

- CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**: Ciência para uma vida sustentável. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CAPORAL, F. R. **Extensão rural e Agroecologia**: para um novo desenvolvimento rural, necessário e possível. Camaragibe: Ed. do Coordenador, 2015.
- CAPORAL, R. F.; COSTABEBER, A. J. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília: MDA/SAF/DATER-IICA, 2004. 24 p.
- MOURA, Abdalaziz de. **Uma filosofia da Educação do Campo que faz a diferença para o campo**. Edição comemorativa dos 25 do SERTA - Serviço de Tecnologia Alternativa. Recife: Via Design Publicações, 2015.
- MACHADO, Luiz Carlos Pinheiro. Agrobiodiversidade. In. CALDART, Roseli Salete *et al* (Org). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 48 a 53. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/26224>>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- MONTEIRO, Denis. Agroecossistemas. In. CALDART, Roseli Salete *et al* (Org). **Dicionário da educação do campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 65 a 73. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/26224>>. Acesso em: 10 jan. 2025
- GANDIN, Danilo. A Posição do Planejamento Participativo entre as Ferramentas de Intervenção na Realidade. Instituto Latino-americano de Planejamento Participativo, Porto Alegre, Brasil. **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.1, pp.81-95, Jan/Jun. 2001. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss1articles/gandin.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2025.
- FIGUEIREDO, Marcos Antônio B., BRAINER, Raul, GUILHERMINA, Anna. 2022. **Agrofloresta na Universidade: Uma experiência participativa de ensino-aprendizagem**. UFRPE- Recife, 2022.
- FROSSARD, Antonio Carlos. **Pedagogia da alternância e articulação dos agentes formativos de técnicos em agropecuária**: interação entre educação do campo e desenvolvimento rural sustentável em Nova Friburgo (Brasil) e Lobos (Argentina). 2014. 176 f. Tese (Doutorado em Ciência, Tecnologia e Inovação em Agropecuária). Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, 2014. Disponível em: <<https://rima.ufrjr.br/jspui/handle/20.500.14407/9827>>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- GOTSCH, Ernst. **Homem e natureza: Cultura na agricultura**. Recife: Centro Sabiá. 1997. Disponível em: <<https://www.naturefund.de/fileadmin/pdf/Agroforst/1995%20-%20Ernst%20G%C3%B6tsch%2C%20Homem%20e%20natureza%20Cultura%20na%20Agricultura.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2025.

RODRIGUES, I.; BARBIERI, JC. A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia abordada como estratégia de desenvolvimento sustentável. **Revista de Administração Pública** , v. 6, pág. 1069–1094, nov. 2008. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S0034-76122008000600003>>. Acesso em: 10 abr. 2025.